



90 ANOS

Orquestra Filarmônica de Dresden

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Roderich Kreile

Regência

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov Regente
Alexander Toradze Piano Solista

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

temporada
— 2002 —

**Mantenedores e Amigos da
Sociedade de Cultura Artística**

Mantenedores

Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Alain J. Costilhes
Alberto Martins
Alberto Soares de Almeida
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluizio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. de Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Botelho Hime
Bruno Licht
Carlos J. Rauscher
Carlos Nehring Neto
Cláudio Alberto Cury
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Eduardo Brenner
Erico Stickel
Fabio de Campos Lilla
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
George Gerard Arnhold
Gérard Loeb
Gian Carlo Gasperini
Henrique Brenner
Henrique Fix
Israel Vainboim
Jayme Blay
Jayme Sverner
Jorge Diamant
José e Priscila Goldenberg
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Luis de Freitas Valle
José M. Martinez Zaragoza
José M. Pinheiro Neto

José Roberto Opice
Lucília Diniz
Luis Stuhlberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria de Lourdes A. Machado
Maria Prudência de V. Resende
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Nelson Nery Jr.
Nelson Zuanella
Oscar Vicente Ferro
Oswaldo Daunt Salles do Amaral
— In Memoriam —
Plínio José Marafon
Redegas Natural
Ricardo Augusto Gallo
Roberto e Yara Baumgart
Rosa Maria Z. Rinzler
Ruy e Célia Korbvicher
Sérgio Almeida de Oliveira
Tales P. Carvalho
Thomas Michael Lanz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp

1 Mantenedor anônimo

Amigos

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Rauscher
Alice Alves de Lima
Amélia de Giacomo
Ana Maria L. V. Igel
Anna Maria Tuma Zacharias
André Jum Yassuda
André Luiz Shinji Hayata
Andrea Sandro Calabi
Angelo Franchini Neto
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Cidadini
Arnold Wald
Bruno Musatti
BVDA / Brasil Verde Design
Carla Milano
Carlos P. Rauscher
Centaurus Equip. de Cinema e Teatro
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Dario Chebel Labaki Neto
David Casemiro Moreira
Domingos Durant
Dora Halaban

Doris Alexander
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo e Lina Wurzman
Eduardo M. Zobarán
Eduardo Telles Pereira
Elio Sacco
Elisa Woliniec
Enzio Abruzzini
Ester Zemel
Ezequiel Dutra
Fábio Konder Comparato
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottemberg
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
George Longo
Gerry Lingfield
Giovani Guido Cerri
Graziela Lafer Galvão
Gyorgy Böhn
Hannelore Kersten Wolff
— In Memoriam —
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Leirner
Horácio Mário Kleinman
Isabel Sobral
Jacques Siekierski
Jairo Cupertino
Jenny Musatti
Kalil Cury Filho
João Baptista Raimo Jr.
Lea Regina Caffaro Terra
Lena Strumpf
Leon Reitzfeld
Leopoldina de Faria Ribeiro
Lia Fukui
Lília Salomão
Livraria Cultura Editora
Lucila Pires Evangelista
Marcello Franco
Marcelo e Rita Secaff
Maria Angeles Fanta
Maria Carolina Brando
Maria Cláudia Viana
Maria Cristina Viana Kuntz
Maria Helena A. Lins
Maria Tereza Gasparian
Mário Higino N. M. Leonel
Marta D. Grostein
Martha E. de Souza Queiroz
Michelle Luigi Pennavaria

Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Milu Villela
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Nelson Vieira Barreira
Olga Tieppo
Oscar Lafer
Paulo Tomas Diamant
Rafael Jordão Mota Vecchiatti
RCS Corporate Finance
Regina Benna Zemel
Regina Sverner
Regina Weinberg
Ricardo Feltre
Rita de Cássia Caruso Cury
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Roberto Mehler
Rubens Halaban
Rubens Muskat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Seiko Sato
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Silvio Meyerhof
Tamas Makray
Tarcísio V. Ramos
Thomas Farkas
Ulysses P. Eduardo Jr.
Walter Ceneviva
Wilson Carmignani
19 Amigos anônimos

Lista atualizada em 14/10/2002

temporada 2002



**Orquestra Filarmônica
de Dresden**
**Coro da Igreja da
Santa Cruz de Dresden**
Roderich Kreile

Regência



patrocínio





Coro da Igreja de Santa Cruz de Dresden
Roderich Kuba Regente
Roderich Kuba Regente Roderich Kuba Regente

Orquestra Filarmônica de Dresden

a de Dresden ta Cruz de Dresden

nte

As origens da Orquestra Filarmônica de Dresden remontam ao ano de 1870, quando da inauguração da primeira sala de concertos na cidade, acontecimento que permitiria também ao público comum ter acesso à música chamada erudita, até então restrita aos salões da aristocracia. A partir de 1885 o conjunto passou a apresentar-se regularmente em Dresden e em 1915 recebeu a designação que conserva até hoje.

Os oitenta concertos anuais que a Orquestra apresenta no *Kulturpalast* de Dresden fizeram dela o grande destaque da vida cultural da cidade e vêm atraindo milhares e milhares de moradores e visitantes àquela que é conhecida como a Florença do Elba. Além das temporadas anuais de concertos em sua cidade-sede, a Filarmônica de Dresden vem-se apresentando regularmente em algumas das mais importantes salas de música do mundo, durante turnês que têm levado o conjunto a inúmeras cidades alemãs, a vários países da Europa, a Israel, a países da América do Sul e a diversas cidades dos Estados Unidos.

A Orquestra Filarmônica de Dresden já recebeu em seu pódio, como Regentes Convidados, grandes compositores – como Brahms, Tchaikovsky, Dvorák e Richard Strauss, que regeram o conjunto em execuções de obras de sua autoria – e também alguns dos mais renomados maestros de todos os tempos, como Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Bruno Walter, Fritz Busch, Arthur Nikisch, Hermann Scherchen, Erich Kleiber, Willem Mengelberg, Otto Klemperer, Karl Anserl, Vaclav Neumann, Seiji Ozawa e Klaus Tennstedt.

Quanto aos solistas que já colaboraram com a Orquestra, destacam-se, dentre outros, Emil Gilels, Wilhelm Kempff, Elly Ney, Gidon Kremer, Ruggiero Ricci, Henryk Szeryng, Pierre Fournier, Mstislav Rostropovitch, Aurèle Nicolet, Maurice André, Bruno Leonardo Gelber, Rudolf Buchbinder, Frank Peter Zimmermann, Heinrich Schiff, Mischa Maisky e Christian Zacharias.

Dentre os músicos que já ocuparam a posição de Diretor Musical da Filarmônica de Dresden é impossível não lembrar os nomes de Paul van Kempen, Carl Schuricht, Heinz Bongartz, Horst Foerster, Kurt Masur, Günther Herbig, Herbert Kegel, Jörg-Peter Weigle e Michel Plasson, que liderou o conjunto de 1994 a 1999. Marek Janowski é Regente Titular e Diretor Artístico da Orquestra Filarmônica de Dresden desde 2001.

Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile Regente

Regência
Roderich Kreile Regente



Dresdner Kreuzchor

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Ensemble
Filarmônica de São Petersburgo
Piano Solista
Dresden
Santa Cruz de Dresden
Larmore
Regência
Piano Solista
Enlightenment
Dresden
Larmore
Piano
Solista
Regência e Violino Solista
Ensemble
São Petersburgo
Solista
ho Solista
ghtenment
iolino Solista
den
e Violino Solista
Piano
cia e Violino Solista

Ensemble
Filarmônica de São Petersburgo
Piano Solista
Dresden
Santa Cruz de Dresden
Larmore
Regência
Piano Solista
Enlightenment
Dresden
Larmore
Piano
Solista
Regência e Violino Solista
Ensemble
São Petersburgo
Solista
ho Solista
ghtenment
iolino Solista
den
e Violino Solista
Piano
cia e Violino Solista

O *Dresdner Kreuzchor*, Coro de Meninos da *Kreuzkirche* (Igreja da Santa Cruz), é tão conhecido quanto a própria cidade de Dresden. Sua participação nos serviços dominicais da *Kreuzkirche* e os numerosos concertos que realiza anualmente são pontos altos da vida religiosa e cultural da região da Saxônia. A história do Coro abarca cerca de setecentos anos, o que o transforma em um dos mais antigos coros de meninos da Alemanha e faz do conjunto a primeira organização musical de Dresden.

Designado inicialmente de *Capella Sanctae Crucis*, por pertencer à Igreja da Santa Cruz, desde meados do século XIV o *Dresdner Kreuzchor* vem mantendo a tradição medieval do canto litúrgico masculino. Em sua atual configuração, o Coro de Meninos da *Kreuzkirche* é composto por 150 garotos, cujas idades variam de nove a dezenove anos e cujas vozes abrangem os registros de soprano, contralto, tenor e baixo.

Embora o *Kreuzchor* tenha sido criado para dar suporte musical às atividades litúrgicas da Igreja da Santa Cruz de Dresden, característica que mantém até os dias de hoje, o conjunto desenvolve ainda intensas atividades concertísticas. Presença constante em inúmeras igrejas e salas de concerto da Alemanha, bem como na rádio e na televisão alemãs, o Coro de Meninos da *Kreuzkirche* tem sido aclamado também pelo público e pela crítica especializada de quase todos os países da Europa, dos Estados Unidos, do Japão e de Israel. Por seu talento individual, diversos membros do Coro têm sido convidados a atuar como solistas em grandes casas internacionais de ópera, em obras como *Tosca* e *A Flauta Mágica*.

O repertório do conjunto abriga obras de Heinrich Schütz, notável compositor do início do Barroco e que foi Diretor Musical da Corte de Dresden no século XVII, as Paixões, os Motetos e as Cantatas de Bach, composições de ex-Diretores do conjunto e diversas obras contemporâneas. No entanto, o repertório do Coro de Meninos da *Kreuzkirche* não é formado apenas de música sacra, já que os garotos cantam também música erudita secular e canções folclóricas, bem como apresentam-se freqüentemente em peças corais-sinfônicas com as duas principais orquestras da cidade-sede do grupo – a Orquestra do Estado da Saxônia e a Orquestra Filarmônica de Dresden.

O sucesso e a fama do *Kreuzchor* não se devem apenas à excepcional sonoridade de seus meninos cantores. Explicam-se também pelo trabalho cotidiano de ensaios, pelos estudos de canto e instrumentos que todo integrante do Coro recebe e pela dedicação de uma série de grandes Diretores e Regentes que atribuíram ao grupo suas admiráveis qualidades artísticas.

Roderich Kreile

Regência



Nascido em 1956, formou-se em Música Sacra e Regência Coral em Munique. Era ainda estudante quando ingressou no Coro da *Christuskirche* de Munique, instituição cujos conjuntos corais foram a base sobre a qual Roderich Kreile desenvolveria suas atividades como regente de música litúrgica.

De 1988 a 1996 ensinou regência coral na Escola de Música de Munique e esteve à frente de dois corais universitários. Os anos em que trabalhou com esses conjuntos permitiram-lhe familiarizar-se com um vasto repertório, constituído de composições de todas as épocas da história da música, e deram-lhe a oportunidade de reger primeiras audições mundiais de diversas obras de valor.

Em 1994 Roderich Kreile passou a ensaiar também o Coro Filarmônico de Munique, o que o levou a colaborar com maestros como Gerd Albrecht, Sergiu Celibidache e Lorin Maazel. Como regente, organista e professor de Regência Coral, já ensinou e regeu na África do Sul, em Taiwan, nos Estados Unidos e em vários países europeus.

Roderich Kreile foi nomeado Diretor Musical do *Dresdner Kreuzchor* em janeiro de 1997.

Orquestra Filarmônica de Dresden
Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden
Roderich Kreile Regente
Roderich Kreile Regente

Solistas

Ute Selbig *Soprano*

Primeiro-Soprano da Ópera Estatal de Dresden, Ute Selbig vem encantando o público e a crítica da Europa e dos Estados Unidos com sua voz radiante, sua notável musicalidade e sua grande força dramática. Artista regularmente convidada para participar dos Festivais de Salzburgo, Lucerna e Ludwigsburg, a cantora é também presença assídua em alguns dos mais prestigiosos palcos líricos do mundo, nos quais tem sido festejada sobretudo por sua leitura das heroínas de Mozart e Strauss, e desenvolve ainda intensas atividades como solista de concerto, território em que domina amplo repertório.

Dentre as orquestras com as quais já se apresentou destacam-se a Filarmônica de Nova Iorque, a Sinfônica de Chicago, a Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig, a *Dresden Staatskapelle*, a Filarmônica de Berlim, a *Orchestre National de France* e a *Orchestre de la Suisse Romande*. Colin Davis, Edoardo Müller, Christof Perick, Peter Schreier e Peter Schneider são alguns dos regentes com os quais Ute Selbig tem colaborado.

Susanna Moncayo von Hase *Mezzosoprano*

Ex-aluna de Régine Crespin, conquistou o Primeiro Prêmio do Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, em 1986. Agraciada com bolsa de estudos da *Fundación Antorchas* da Argentina e do Ministério das Relações Exteriores da Espanha, completou sua formação na Escola Superior de Canto de Madri, orientada por Ana Higuera e Fernando Turina. Igualmente à vontade como intérprete de óperas, de oratórios e de música de câmara, a cantora tem-se apresentado na França (no *Théâtre des Champs-Élysées*, na *Salle Pleyel*, no *Centre Georges Pompidou* e na *Maison de la Radio*, em Paris), na Holanda (no *Concertgebouw* de Amsterdã), na Alemanha, na Suíça, na Bélgica, na Espanha, nos Estados Unidos e na Colômbia.

Dentre os compromissos recentes de Susanna Moncayo von Hase destacam-se sua aplaudida participação nas turnês da Orquestra Filarmônica do *Pays de la Loire* e da Orquestra Filarmônica de Cracóvia, interpretando árias de Mozart, e sua estréia no *Teatro Colón* de Buenos Aires, como *Siebel*, no *Fausto* de Gounod.

Johannes Chum Tenor

Nascido em Vorau, na Áustria, foi solista do mundialmente famoso conjunto Meninos Cantores de Viena. Formado em teologia e música, estudou *Lied* e canto com Kurt Equiluz, na *Wiener Musikschule*, e há mais de dez anos é professor de canto e prática de interpretação histórica na Escola de Música de Graz. Desde 1994 Johannes Chum vem-se apresentando em importantes teatros de ópera e salas de concerto da Europa e dos Estados Unidos, bem como tem participado de prestigiosos eventos musicais, como os Festivais de Salzburgo, Ludwigsburg, Lucerna e Flandres.

Dentre as orquestras e regentes com os quais o tenor já colaborou destacam-se a Filarmônica de Viena e nomes como os de Nikolaus Harnoncourt, Fabio Luisi, Roger Norrington e René Jacobs. Em 2000, no Festival de Salzburgo, alcançou grande sucesso como *Tamino*, de *A Flauta Mágica*, e em 2001 foi aplaudido como *Nero*, em *L'Incoronazione di Poppea*, na Ópera de Frankfurt, e como *Ataliba*, em *Cora*, de Naumann, regida por René Jacobs em Dresden e Halle.

Andreas Scheibner Baixo-barítono

Nascido em 1951, na cidade de Dresden, em criança estudou violino, participou de coros escolares e integrou, durante sete anos, o *Dresdner Kreuzchor*. Em 1968, depois de participar como jovem solista amador de uma gravação sob a batuta do compositor Hans Werner Henze, Andreas Scheibner decidiu tornar-se cantor profissional. Ingressou então na *Hochschule für Musik* de Dresden, onde se formou, e a partir de 1974 começou a cantar em importantes casas de ópera e salas de música da Alemanha.

Vencedor de prestigiosos concursos internacionais de canto, em 1987 foi agraciado com o título honorífico de *Kammersänger*. Artista que se mostra igualmente à vontade no *Lieder*, em óperas, na música de concerto e em oratórios, Andreas Scheibner tem-se apresentado ao lado de importantes orquestras, sob a regência de maestros como Colin Davis, Myung-Whun Chung, Ingo Metzmacher, Christoph Eschenbach, Bruno Weil, Christoph Prick, García Navarro, Peter Schreier e, ainda, do compositor e regente Luciano Berio.

Orquestra Filarmônica de Dresden

Marek Janowski *Regente Titular e Diretor Artístico*

Yuri Temirkanov *Regente Convidado Principal*

Kurt Masur *Regente Honorário*

Olivier von Winterstein *Intendente*

Primeiros Violinos

Ralf-Carsten Brömsel
Heike Janicke
Wolfgang Hentrich
Dalia Schmalenberg
Kea Hohbach
Siegfried Koegler
Siegfried Rauschhardt
Christoph Lindemann
Jürgen Nollau
Volker Karp
Gerald Bayer
Roland Eitrich
Heide Schwarzbach
Marcus Gottwald
Ute Kelemen
Antje Bräuning
Johannes Groth
Alexander Teichmann
Annegret Teichmann
Juliane Heinze

Segundos Violinos

Heiko Seifert
Christoph Polonek
Günther Naumann
Erik Kornek
Dietmar Marzin
Reinhard Lohmann
Viola Marzin
Steffen Gaitzsch
Matthias Bettin
Andreas Hoene
Andrea Dittrich
Constanze Sandmann
Jörn Hettfleisch
Dorit Schwarz
Susanne Herberg

Violas

Christina Biwank
Hanno Felthaus
Torsten Frank
Beate Müller
Steffen Seifert
Gernot Zeller
Lothar Fiebiger

Wolfgang Haubold
Holger Naumann
Steffen Neumann
Heiko Mürbe
Hans-Burkart Henschke
Andreas Kuhlmann
Piotr Szumiel

Violoncelos

Matthias Bräutigam
Ulf Prella
Victor Meister
Petra Willmann
Thomas Bäß
Frieder Gerstenberg
Wolfgang Bromberger
Friedhelm Rentzsch
Rainer Promnitz
Karl-Bernhard von Stumpff
Clemens Krieger
Daniel Thiele

Contrabaixos

Peter Krauß
Kilian Forster
Tobias Glöckler
Berndt Fröhlich
Norbert Schuster
Bringfried Seifert
Thilo Ermold
Donatus Bergemann
Matthias Bohrig
Olaf Kindel

Flautas

Karin Hofmann
Mareike Thrun
Birgit Bromberger
Götz Bammes
Claudia Schmidt

Oboés

Volker Braun
Johannes Pfeiffer
Guido Titze
Jens Prasse
Michael Goldammer

Clarinetas

Hans-Detlef Löchner
Fabian Dir
Henry Philipp
Dittmar Trebeljahr
Klaus Jopp

Fagotes

Michael Lang
Joachim Huschke
Hans-Peter Steger
Hans-Joachim Marx
Mario Hendel

Trompas

Jörg Brückner
Michael Schneider
Friedrich Kettschau
Volker Kaufmann
Peter-Paul Graf
Johannes Max
Dietrich Schlät
Carsten Gießmann

Trompetes

Christian Höcherl
Andreas Jainz
Csaba Kelemen
Wolfgang Gerloff
Roland Rudolph

Trombones

Joachim Franke
Olaf Krumpfer
Dietmar Pester

Tuba

Jörg Wachsmuth

Harpa

Nora Koch

Timpanos e Percussão

Alexander Peter
Karl Jungnickel
Gerald Becher
Axel Ramlow

Comitê de Administração

Günther Naumann
Carsten Gießmann
Thilo Ermold

Inspetor

Matthias Albert

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Roderich Kreile *Diretor Musical e Regente*

Thomas Albrecht
Stefan Bannert
Lukas Bauer
Christoph Bauermeister
Stephan Becker
Rico Berger
Clemens Bosselmann
Martin Brüstel
Philipp Büttner
Martin Dobrev
Richard Drechsler
Friedemann Eckert
Sebastian Erdmann
Klaus Fehse
Georg Finger
Christian Finsterbusch
Richard Franke
Gregor Freytag
Max-Konrad Friedländer
Johannes Fritzsich
Igor Gania
Frank Friedrich Gellrich
Friedrich Gerhardt
Benjamin Glaubitz
Martin Golda
Jonas Golde
Denny Groß
Michael Grziwa
Martin Güldner
Georg Güldner
Christian Hacker
Hermes Helfricht
Fritz Herrmann
Lukas Hofmann
Conrad Höhne
Christoph Hünecke
Johannes Hupach
Benjamin Huth
Oliver Kaden
Hans Kenschke
Steven Klose
Ilja Klug
Christoph Knabe
Paul Knüpfer
Lukas Köpcke
Thomas Krause
Steve Küchler
Sebastian Lay
Henri Lehmann

Christian Lutz
Christoph Mann
Cornelius Markert
Jonas Materna
Tom Matthies
Tom Miller
Georg Mogwitz
Thomas Mogwitz
Antonio Morejón-Caraballo
Felix Morgner
Robert Müller
Franz-Xaver Neubert
Till Neumeister
Norman Paizano
Johannes Park
Georg Paul
Philipp Polhardt
Konrad Preuß
Kai Preußker
Matthias Rabe
Samuel Rabe
Marc Reinhard
Christopher Renz
Leo-Leonhard Reso
Sören Richter
Ryan Rönqvist
Lutz Rössel
Sean Bradley Roth
Jakob Schenk
Paul Schröer
Michael Schultz
Jan Schulze
Maximilian Schulze
Bernhard Sebastian
Robert Seidel
Philip Socher
Claus Straßner
Hieronymus Thiele
Peter Vanselow
Friedrich Voigt
Friedemann Walther
Sebastian Wartig
Rico Wenzel
Benjamin Werner
Wolf-Georg Winkler
Franz Woßlick
Jakob Zscheischler

Administrador

Uwe Grüner

Assistente do Coro

Peter Kopp

Acompanhantes

Jörg Ledermüller
Johannes Löpmann
Marion Müller
Thomas Päßler
Martina Schellhorn
Beate Stolzenbach

Concertos Amarelos

22 de outubro, terça-feira, 21h

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

**Cantata Ich hatte viel Bekümmernis,
BWV.21**

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Missa em Dó maior, opus 86

Kyrie

Gloria

Credo

Sanctus – Osanna

Benedictus – Osanna

Agnus Dei – Dona

Concertos Vermelhos

23 de outubro, quarta-feira, 21h

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

Moteto Jesu meine Freude, BWV.227

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Exultate, jubilate, K.165

Allegro

Andante

Allegro

intervalo

Wolfgang Amadeus Mozart

Requiem, K.626

I. Introitus: Requiem aeternam

II. Kyrie

III. Sequentia

1. Dies irae

2. Tuba mirum

3. Rex tremendae

4. Recordare

5. Confutatis

6. Lacrimosa

IV. Offertorium

1. Domine Jesu

2. Hostias

V. Sanctus

VI. Benedictus

VII. Agnus Dei

VIII. Communio: Lux aeterna

temporada 2002

90 anos

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Próximos Concertos

Teatro Cultura-Artística

Kremerata Báltica

Gidon Kremer Regência e Violino Solista

5 de novembro, terça-feira

Gustav Mahler Adágio da Sinfonia nº 10
Antonio Vivaldi / Astor Piazzolla As Oito Estações

11 de novembro, segunda-feira

Osvaldo Golijov Last Round
Alexander Wustin Pour Guidon
Georgs Pelecis Don't leave
Vladimir Mendelssohn Don Aldebarran
Antonio Vivaldi / Astor Piazzolla As Oito Estações

12 de novembro, terça-feira

Peteris Vasks Música Dolorosa
Karl Amadeus Hartmann Concerto Fúnebre
George Enescu Octeto em Dó maior, opus 7

temporada 2002

abril 22, 23 e 24 **Teatro Cultura Artística**

Nikolai Lugansky *Piano*

maio 13, 14 e 15 **Teatro Cultura Artística**

Orchestre de Chambre de Lausanne

Christian Zacharias *Regência e Piano Solista*

junho 3, 4 e 5 **Teatro Cultura Artística**

Academy of St. Martin-in-the-Fields

Chamber Ensemble

junho 25, 26 e 27 **Teatro Cultura Artística**

Orquestra do Século XVIII

Thomas Zehetmair *Regência e Violino Solista*

julho 1, 2 e 3 **Teatro Cultura Artística**

Quarteto Beethoven de Roma *Cordas e Piano*

agosto 16 e 17 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de São Petersburgo

Yuri Temirkanov *Regência*

Alexander Toradze *Piano Solista*

agosto 22, 26 e 28 **Teatro Cultura Artística**

Jennifer Larmore *Mezzosoprano*

Antoine Palloc *Piano*

setembro 9, 10 e 11 **Teatro Cultura Artística**

Orchestra of the Age of Enlightenment

Emma Kirkby *Soprano*

Daniel Taylor *Contrateno*

outubro 22 e 23 **Sala São Paulo**

Orquestra Filarmônica de Dresden

Coro da Igreja da Santa Cruz de Dresden

Roderich Kreile *Regência*

novembro 5, 11 e 12 **Teatro Cultura Artística**

Kremerata Báltica

Gidon Kremer *Regência e Violino Solista*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 Telefone (5511) 3256 0223

www.culturaartistica.com.br email: cultart@dialdata.com.br



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

Agradecemos aos parceiros que nos prestigiaram nos últimos anos.

AFAA – Association Française d'Action Artistique

American Express

BankBoston

Bovespa – Bolsa de Valores de São Paulo

CBLC – Cia. Brasileira de Liquidação e Custódia

Cigna

Citibank

Daimler Chrysler

Eldorado FM

Fundação Japão

Indústrias Votorantim

Jornal O Estado de S. Paulo

KPMG

Pechiney

Pinheiro Neto Advogados

Semp Toshiba

Telefonica

Unibanco – Prever

Volkswagen

WestLB Banco Europeu



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

9

Tem lugares que nem fica bem
levar o seu anjo da guarda.



Ainda bem que o Teatro Cultura Artística está protegido pela Itaú Seguros.



Itaú Seguros



SLUB

Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

*Cantata Ich hatte viel
Bekümmernis, BWV.21*

Moteto Jesu meine Freude, BWV.227

Disse J. A. Westrup: "Bach era um compositor prático. A maior parte de sua música foi escrita porque ela era necessária – para servir de material para a prática de seus alunos, para adicionar ao repertório de uma orquestra de estudantes, para celebrar um aniversário, um casamento ou um funeral, e para fornecer música ao principal serviço dominical da Igreja Luterana".

Foi levando em conta esta última necessidade que Bach compôs os seus vários ciclos de cantatas sacras, sobretudo durante os muitos anos em que trabalhou em Leipzig. Grosso modo, pode-se dizer que a cantata nasceu paralelamente à ópera, nos últimos anos do século XVI. Exatamente como aquele gênero destinado ao palco, a cantata tinha por objetivo dramatizar o discurso musical, utilizando para tanto o recitativo e a melodia acompanhada. Em contrapartida, por ser um tipo de expressão destinado à igreja, a cantata sacra naturalmente não fazia uso de cenários, de ação dramática e de figurinos.

Portanto, a cantata sacra contava a sua história de maneira mais espiritualizada, buscando o assunto para seus dramas nas Sagradas Escrituras. Na tradição da cantata sacra alemã da

linha luterana, à qual Bach desde sempre se filiou, esse gênero procurava aliar, em um mesmo todo orgânico, passagens da Bíblia, poemas sacros de escritores variados e corais provenientes do hinário que o próprio Lutero reunira, tendo em vista a congregação protestante. Musicalmente, a cantata também era algo heterogêneo, na medida em que colocava em sucessão recitativos (narração e comentário da ação litúrgica), corais (a voz da congregação em face dos acontecimentos do cristianismo) e árias (manifestações dos sentimentos individuais).

A suprema genialidade de Bach evidencia-se no seu poder de apropriação dessa fórmula, que ele elevou a alturas criativas até então inimaginadas. Seu gosto é revelado já na escolha dos textos, que encadeava com arguto senso dramático, responsável pela sensação do discurso fluido e como que escrito por um único poeta. Além disso, soube explorar, como ninguém, as várias formas musicais, unindo-as ora pela cor instrumental, ora pela exploração de motivos rítmico-melódicos aparentados, ora ainda pela escolha deliberada das tonalidades. Por fim, e de maneira também inigualável, Bach soube tirar o máximo partido das sugestões dos textos, criando para eles uma música a um só tempo pertinente e inesperada, capaz de levar o ouvinte a uma multidão de emoções sutilmente nuançadas – seja ele cristão ou não. Pois a música de suas cantatas é sobretudo humana, e a sua alta inspiração nem de longe deixa suspeitar que, com frequência, essas obras foram escritas velozmente, já que era preciso fornecer, a cada domingo festivo, uma nova partitura para o ofício religioso.

A Cantata *Ich hatte viel Bekümmernis*, BWV.21, destinada ao terceiro domingo depois da Trindade, foi executada pela primeira vez em 17 de junho de 1714, em Weimar, e repetida em Leipzig, em 13 de junho de 1733. Seu libreto é atribuído a Salomo Franck. Foi composta para soprano, tenor e baixo solistas, coro, oboés,

fagote, três trompetes, quatro trombones, tímpanos, cordas e baixo-contínuo. Ela se articula em duas grandes partes que congregam os seguintes movimentos: Parte I – sinfonia, coro, ária, recitativo, ária e coro; Parte II – recitativo, duo, coro (mais coral), ária e coro.

O texto dessa Cantata, de obediência pietista, fala da consolação trazida por Jesus à alma aflita que, então, sente-se tomada pela alegria. Na Parte I, toda escrita em tonalidades menores, é mostrada a aflição do fiel. Na Parte II, com a chegada de Jesus, que estabelece um diálogo com a alma, as cores tonais modulam para maior, simbolizando assim o júbilo do cristão. Do ponto de vista da forma, Bach olha para o passado dos velhos motetos, nas passagens corais, e emprega a linguagem moderna do seu presente, a da esfera operística, no duo e nas três árias.

O gênero moteto surgiu no século XIII, indicando a composição na qual uma linha vocal recebia um novo texto (*mot* – palavra). O moteto acompanhou o desenrolar dos fatos da História da Música Ocidental e, na época e na religião luterana de Bach, caracterizava-se por sua execução *a capella*, sem qualquer tipo de acompanhamento. Se a partitura fazia apelo a uma orquestra, os instrumentos tocavam *colla parte*, dobrando assim as vozes, a fim de dar a elas cor e projeção maiores. Então considerado já arcaico, o velho gênero não impediu que Bach nos deixasse dele alguns exemplares de extraordinária beleza, todos eles dos anos de Leipzig e destinados a cerimônias fúnebres.

Jesu meine Freude, BWV.227, é um moteto *a capella* destinado a coro de cinco vozes: primeiros e segundos sopranos, contraltos, tenores e baixos. Dois textos distintos são aí empregados de maneira alternada – o pertencente às estrofes do coral luterano de Johann Franck (1653) e o retirado dos versículos 1, 2, 9, 10 e 11 do oitavo capítulo da Epístola de São

Paulo aos Romanos. É possível que sua primeira execução tenha ocorrido em 1723.

Um equilíbrio perfeito caracteriza esse gigantesco Moteto em Mi menor. A extraordinária construção resulta, a um só tempo, da alternância das estrofes do velho coral de Franck e dos versículos da Epístola e, mais, do plano estabelecido para a realização musical de cada parte. São onze as seções da partitura, abrindo-se e se encerrando sobre o velho coral harmonizado com simplicidade. Bem em seu centro há a complexa coroa de uma fuga em Sol maior.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Missa em Dó maior, opus 86

Livre-pensador libertário, Beethoven quase não compôs obras destinadas ao culto religioso. A Missa em Dó maior, *opus 86*, é, na verdade, a única que, por suas dimensões relativamente modestas (quando comparada à gigantesca *Missa Solemnis*), pode ser empregada na liturgia católica. Ela foi encomendada ao artista pelo príncipe Nikolaus II de Esterhazy, o tradicional patrão de Joseph Haydn. O aristocrata costumava comemorar o aniversário da mulher, Marie Hermenegild, com grandes festividades precedidas de um serviço solene, no qual se ouvia uma nova missa, composta especialmente para a ocasião. O próprio Haydn já tinha composto seis delas para a data.

A Missa em Dó maior foi apresentada pela primeira vez na propriedade principesca no dia 13 de setembro de 1807, dirigida pelo autor. Segundo o relato nem sempre confiável de Schindler, Beethoven teria se desentendido com Nikolaus, a ponto de abandonar o castelo às pressas. O fato é que o príncipe não apreciou o trabalho do músico, porque, logo depois, diria em carta à amiga condessa Henriette Zielenska: "A missa de Beethoven é insuportavelmente ridícula e detestável. (...) Estou encolerizado e envergonhado".


Ao fazer editar a obra, em 1812, o autor acabou por dedicá-la ao príncipe Kinsky, um de seus mais assíduos colaboradores. Na casa editora Breitkopf & Härtel, a partitura não foi vista com entusiasmo, o que levou Beethoven a escrever a seu diretor: "Creio ter tratado o texto como raramente isso foi feito". E, na medida em que a compreensão das palavras parecia-lhe essencial, exigiu que a obra fosse impressa e cantada não em latim, como era a norma, mas em alemão. Assim, quando certas palavras são repetidas isso não é feito levando em conta o desenrolar musical, e sim o desejo de carregá-las de um novo e destacado sentido.

No *Kyrie* inicial, Beethoven começa por estabelecer uma atmosfera eclesiástica, antes de se embrenhar pela amplidão do discurso sinfônico. Partindo da tonalidade de base, Dó maior, ele alcança o relativamente longínquo Mi maior no *Christe*.

O *Gloria* que vem em seguida foi concebido em três partes (vivo – lento – vivo), à maneira tradicional. No *Allegro con brio*, o coro domina para, depois, responder febrilmente ao tenor solo. Uma lembrança das lições do professor Haydn aparece no *Andante mosso* central, ao tratar o *Miserere* como refrão coral. No *Allegro non troppo* de encerramento tem-se uma vasta fuga, também bastante haydniana.

O *Credo*, igualmente em três partes, é particularmente original no tratamento do texto. Aí, a cada elemento da palavra litúrgica corresponde uma idéia musical bem precisa, sendo a unidade fornecida por um elemento rítmico repetido nos graves. A alta voltagem dramática e a presença do quarteto vocal solista dão um colorido expressivo todo especial à essa seção.

O impositivo *Sanctus* opõe os instrumentos de sopros às vozes para, depois, fazê-las serem acompanhadas apenas pelos tímboles. Segue-se o *Benedictus*, entoado pelo quarteto vocal a *capella*. E, depois de um pungente *Agnus Dei* em Dó menor, um solo de clarinete con-



Revista **CONCERTO.**
A boa música mais perto de você.

Assinaturas tel. (11) 5535-5518
www.concerto.com.br

CONCERTO
GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA



SLUB
Wir führen Wissen.



Dresdner
Philharmonie

duz ao final da Missa, cujo brilho é repentinamente interrompido pelo retorno pouco ortodoxo às palavras *Miserere nobis*, esboçando, para concluir, uma breve evocação do *Kyrie* e do seu clima de prece fervorosa.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)
Exultate, jubilate, K.165

Mozart tinha apenas 16 anos quando escreveu o moteto *Exultate, jubilate*, K.165, na tonalidade de Fá maior, para o *castrato* (ou “soprano”) Venanzio Rauzzine, que também tinha um dos papéis principais em sua ópera *Lucio Silla*. Para Leopold, pai de Wolfgang, o cantor era dono de “uma voz de anjo”. O compositor também o admirava de maneira incondicional. Assim, não espanta o fato de o músico ter concebido para ele, e em alguns poucos dias, essa obra sacra vistosamente virtuosística.

Isso aconteceu durante a terceira viagem que Mozart fez à Itália, mais exatamente em Milão, em janeiro de 1773, onde então o compositor fazia sucesso com sua música jovem, brilhante e cheia de vida. A nova obra foi destinada a voz aguda solista e orquestra, que compreende cordas, oboés, trompas e órgão. (Alguns anos depois, já em Salzburgo, o autor reviu a partitura, adicionando a ela uma parte de flauta).

Exultate, jubilate adota a forma do moteto definida em obra teórica de Quantz, de 1752: a de uma cantata em três movimentos – lembrando por isso o recorte de uma sinfonia italiana –, com um recitativo secco a ligar os primeiros dois movimentos.

O primeiro movimento, um vivaz *Allegro*, faz um convite às “almas abençoadas” para que estas exultem, com júbilo, por meio de “doces cânticos”, as belezas da Criação. No recitativo que se segue, tem-se a evocação dessa “Amiga de Deus”, a Virgem, capaz de dispersar as nuvens das trevas e de anunciar “a aurora feliz dos afortunados”. A Ela os fiéis devem oferecer bra-

çadas de lírios. O segundo movimento, um *Andante* em Lá maior, é uma ária a um só tempo delicada e calorosamente expressiva. Mozart aí emprega todo o seu léxico relativo à ternura e ao desejo de apaziguamento, de consolação, “lá, onde um coração suspira”. O movimento final, um novo *Allegro*, é o muito conhecido *Alleluia*, no qual Mozart dá rédeas soltas à sua lendária invenção melódica. Concebido à maneira de um rondó em espírito popular, ele anuncia de maneira triunfal – através de lindas e acrobáticas passagens entregues à voz – o júbilo que toma a alma do fiel por inteiro.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)
Requiem, K.626

Verdades e fantasias se mesclam em torno da composição do *Requiem* de Mozart, ofício fúnebre que ele deixou inacabado. Encomenda feita por um aristocrata que desejou ficar no anonimato, essa missa fúnebre foi, de fato, a última obra sobre a qual o autor se debruçou, antes de sua morte prematura, ocorrida em 5 de dezembro de 1791.

Ainda que, em algumas partes, o especialista possa sentir a mão canhestra de Süßmeyer, discípulo do compositor que completou a partitura, não há como negar: o *Requiem* em Ré menor é obra impressionante, de grande expressividade. Suas melodias, ora líricas, ora austeras e dramáticas, são frutos de um Classicismo em seu momento de maior apogeu. Facilmente memorizáveis, cativam o ouvinte à primeira audição, graças a seu efetivo poder de convicção, de refletir, emotivamente, o espírito transcendental do texto.

Quando tratadas em contraponto, essas melodias acabam por fazer referências ao universo da música já então passada, a barroca, no seu gosto pela construção polifônica, de trama intrincada. A harmonia, concebida em tons menores – recurso dramático para acentuar o cará-

ter solene do discurso –, centra-se na noção clara da tonalidade, que, aqui e ali, privilegia o colorido das dissonâncias sabiamente dispostas.

Os movimentos da obra foram ordenados de maneira a acentuar os contrastes de expressão, a fim de que ela pudesse ser percebida, em seu todo, como um grande painel de emoções entrecruzadas. A tonalidade básica, Ré menor, passa, em cinco partes, para regiões tonais aparentadas: Si bemol, no *Tuba mirum*, Fá maior, no *Recordare*, Lá menor, no *Confutatis*, Sol menor no *Domine Jesu* e Mi bemol, no *Hostias*. Isso acaba por conferir à partitura uma pungente variedade tonal, em que se sucedem visões conflagradas da morte e um sentimento de recolhida aceitação final. Ela também pode ser vista como um patético hino à extinção do corpo e de louvação à eternidade do espírito.

Igualmente a orquestração reflete, em seus tons sombrios, o caráter da partitura: nela não são empregados oboés, clarinetas e trompas. As cordas juntam-se apenas dois *cors de basset* (espécie de clarineta grave, ou clarone, de invenção então recente), dois fagotes, três trombones, dois trompetes, tímpanos e órgão. Tendo em mãos essa paleta sonora de coloridos fortes, Mozart sobrepôs a ela as vozes dos solistas e do coro, criando assim um vasto painel de enorme força de impacto. É impossível ficar impassível diante desse profundo drama que nos é oferecido à maneira de uma sagrada despedida.

Edição Rui Fontana Lopez

Projeto gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto de Almeida

Fotos Matthias Krüger (Maestro e Coro)

Textos sobre compositores Sociedade de Cultura Artística

Tradução Eduardo Brandão

Editores eletrônicos BVDA / Brasil Verde

Fotolitos e impressão OESP Gráfica

Governo do Estado de São Paulo
Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin
Secretário de Estado da Cultura
Marcos Mendonça

FICHA TÉCNICA
Sala São Paulo

Diretor Artístico
John Neschling

Diretor Artístico Adjunto
Roberto Minczuk

Diretora Administrativa
Rita Okamura

Coordenação Administrativa
João Mário Gomes Pego

Relações Externas e Comunicação
Mauren Stieven

Coordenação de Monitoria
Janaina Guerreiro

Coordenação de Produção
Christiane Vianna Calil

Coordenação de Bilheteria
Glória Marangoni

Coordenação Técnica
Paulo Gomes

Coordenação de Indicadores/
Conservação da Sala
Maria Teresa Ferreira



SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
www.saopaulo.sp.gov.br



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



CBLC
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia



BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica, patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

www.telefonica.com.br

Telefonica